

## PE-045 - PERFIL DA MORBIDADE HOSPITALAR INFANTOJUVENIL POR LINFOMA NÃO-HODGKIN NO RIO GRANDE DO SUL

Isadora Medeiros de Almeida<sup>1</sup>, Lucas Mariano Pinheiro<sup>1</sup>, Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes<sup>1</sup>, Marina Fração Pereira<sup>1</sup>, Eduarda Ortiz Avila de Araujo<sup>1</sup>, Laura Menestrino Prestes<sup>1</sup>, Luiz Fernando Franzen Vinadé Neto<sup>1</sup>, Laura Fincato Proença<sup>1</sup>, Carolina Marsiglia Lucini<sup>1</sup>, Virginia Tafas da Nóbrega<sup>2</sup>

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Hospital São Lucas da PUCRS.

**Introdução:** O Linfoma Não-Hodgkin (LNH) é uma neoplasia maligna rara que, embora seja mais comum em adultos, também pode afetar crianças e adolescentes, representando uma parcela significativa dos casos de câncer pediátrico. Nesse sentido, o presente estudo busca analisar os padrões de internação e óbitos pediátricos por LNH no Rio Grande do Sul, com o objetivo de compreender melhor esses padrões. **Objetivos:** Avaliar a prevalência de morbidade hospitalar por Linfoma Não-Hodgkin (LNH) em crianças e adolescentes no estado do Rio Grande do Sul, de 2013 a 2023. **Metodologia:** Estudo descritivo, a partir de dados secundários fornecidos nas bases de dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH), por meio do Departamento de informática do SUS (DATASUS), referentes a prevalência de internações e óbitos por Linfoma Não-Hodgkin no estado do Rio Grande do Sul de janeiro de 2013 a novembro de 2023. **Resultados:** Obteve-se um registro de 1.490 internações por LNH no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 2013 e 2023. Os casos de internação foram predominantes em indivíduos do sexo masculino (63,3%), seguido pelo sexo feminino (36,7%). Quanto à faixa etária, a maior ocorrência de internações foi de 15 a 19 anos (37,1%), sucessiva a 10 a 14 anos (29,6%), 5 a 9 anos (22,2%), 1 a 4 anos (9,8%) e menores de 1 ano (1,3%). A maior prevalência de internações confirmadas ocorreu em 2013, totalizando 175 (11,7%) casos de internações. As internações corresponderam a um investimento de cerca de 321.972 reais em serviços hospitalares para o Sistema Único de Saúde. Nesse período, foram registrados 28 óbitos por LNH no estado, sendo a taxa de mortalidade correspondente a 2,05. Os óbitos se mantiveram constantes, apesar de um aumento em 2018 (n = 6). Quanto à cor/raça, observou-se a predominância da cor/raça parda nas internações (86,1%) e óbitos (82,8%). A média de permanência das internações, em dias, foi de 10,1, sendo a maior e menor média de permanência em 2016 e 2022, com 12 e 6 dias, respectivamente. **Conclusão:** Portanto, conclui-se que os resultados apresentados destacam a necessidade de atenção e políticas específicas para a prevenção e tratamento do Linfoma Não-Hodgkin em crianças e adolescentes, especialmente nas faixas etárias mais afetadas no estado (15-19 anos). O conhecimento das características epidemiológicas dessas internações é crucial para a implementação de estratégias eficazes e direcionadas, visando melhorar a gestão dos recursos e a qualidade dos cuidados oferecidos no contexto do sistema de saúde.

## PE-046 - ANÁLISE DA MORBIDADE HOSPITALAR INFANTOJUVENIL POR MENINGITE BACTERIANA NO BRASIL

Isadora Medeiros de Almeida<sup>1</sup>, Lucas Mariano Pinheiro<sup>1</sup>, Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes<sup>1</sup>, Eduarda Ortiz Avila de Araujo<sup>1</sup>, Laura Menestrino Prestes<sup>1</sup>, Marina Fração Pereira<sup>1</sup>, Luiz Fernando Franzen Vinadé Neto<sup>1</sup>, Elizabeth Corrêa Gomes<sup>1</sup>, Carolina Marsiglia Lucini<sup>1</sup>, Virginia Tafas da Nóbrega<sup>2</sup>

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Hospital São Lucas da PUCRS.

**Introdução:** A meningite, inflamação das membranas cerebrais, é especialmente preocupante na faixa etária infantojuvenil no Brasil, gerando riscos significativos para a saúde pública desse grupo. Nesse sentido, o presente estudo busca delinear o perfil epidemiológico pediátrico brasileiro impactado pelo principal agente causador de meningite no país. **Objetivo:** Analisar dados epidemiológicos da morbidade hospitalar por meningite bacteriana no Brasil em pacientes infanto-juvenis, no período de janeiro de 2018 a novembro de 2023. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo e retrospectivo, com dados coletados no Sistema de Informações Hospitalares (SIH), do Departamento de informática do SUS (DATASUS) durante o período de janeiro de 2018 a novembro de 2023. Os dados coletados referem-se a internação, valor de serviço hospitalar e óbitos, referentes a meningite bacteriana (CID 10-G00 a G001) em pacientes menores de 19 anos. **Resultados:** No período analisado, observou-se 10.543 internações por meningite bacteriana (MB) no Brasil. A faixa etária menor de 1 ano registrou o maior número de internações (31,2%), seguida por 1 a 4 anos (25%), 5 a 9 anos (18,4%), 10 a 14 anos (13,2%) e 15 a 19 anos (12,2%). A média de permanência nas internações foi de aproximadamente 10,6 dias. O sexo masculino foi predominante nas internações (58,35%) em comparação ao feminino (41,65%). Em relação às internações por regiões federativas, a região Sudeste obteve predominância (42,3%), com 4.467 internações no período analisado, seguida pela região Nordeste (23%), região Sul (18,9%), região Norte (8,6%) e região Centro-Oeste (7,2%). As internações entre os anos de 2021 e 2022, respectivamente 1.122 e 2.055, representaram um aumento de cerca de 83%. Quanto a evolução do caso clínico, 466 casos transcorreram para óbitos, sendo predominantes na faixa etária menor de 1 ano com 157 óbitos, representando 33,7% do total. **Conclusão:** Conclui-se que o presente estudo destaca a faixa etária menor de 1 ano como principal grupo de risco, ressaltando a necessidade de intervenções específicas nessa faixa etária. Além disso, o estudo aponta a região Sudeste como área de atenção para estratégias preventivas. Nesse contexto, é imperativo salientar que, apesar da representatividade da meningite bacteriana como desafio de saúde pública, medidas preventivas, como a vacinação, devem ser amplamente promovidas para mitigar a incidência e impactos dessa doença na população infantojuvenil.